



SEÇÃO: LIVRE

O Plano Real visto de fora: uma análise da imprensa econômica anglo-americana sobre a estabilização econômica do Brasil

The Plano Real from abroad: an analysis of the Anglo-American economic press on Brazil's economic stabilization

El Plan Real desde afuera: un análisis de la prensa económica angloamericana sobre la estabilización económica de Brasil

Bruno Henz Biasetto¹

orcid.org/0000-0002-5214-3535
bhb27@georgetown.edu

Recebido em: 3/8/2019.

Aprovado em: 9/7/2020.

Publicado em: 21/12/2020.

Resumo: O presente artigo pretende analisar como as quatro mais importantes publicações econômicas do mundo (*The Economist*, *Financial Times*, *New York Times* e *The Wall Street Journal*) perceberam a implementação do Plano Real em 1994. O objetivo central do artigo é analisar a percepção anglo-americana sobre o Brasil da época, com foco nas questões políticas e econômicas do país. A análise das publicações aqui realizada compreende os anos de 1993 e 1994, com um olhar detalhado para as eleições presidenciais de 1994. A pesquisa vem a evidenciar os vícios de análise das publicações, bem como os valores anglo-saxônicos influenciam a percepção sobre a América Latina.

Palavras-chave: Plano Real. Brasil. História da imprensa. História econômica. Neoliberalismo.

Abstract: The Plano Real from abroad: an analysis of the Anglo-American economic press on Brazil's economic stabilization. The following paper intends to analyze how the world's most influential publications with a focus on economic affairs (*The Economist*, *Financial Times*, *New York Times* e *Wall Street Journal*) perceived the unveiling of the Real Plan. The main focus here will be to analyze the Anglo-American perception about the Brazilian economy at that time. The time frame of the analysis spans from early 1993 until mid 1994, after the Real Plan was in full motion and the presidential election was concluded. This research intends to highlight the preconceived notions about Latin America and its lack of economic development, as well as the way all these aspects have shaped the publication perception about the Brazilian events.

Keywords: Plano Real. Brazil. Press history. Economic history. Neoliberalism.

Resumen: El plan real desde afuera: un análisis de la prensa económica anglo-americana sobre la estabilización económica de Brasil. Este artículo tiene como objetivo analizar cómo las cuatro publicaciones económicas más importantes del mundo (*The Economist*, *Financial Times*, *New York Times* y *The Wall Street Journal*) se dieron cuenta de la implementación del Plan Real en 1994. El objetivo principal del artículo es analizar la percepción anglo. bajo el Brasil de la época, centrándose en los problemas políticos y económicos del país. El análisis de las publicaciones realizadas aquí abarca los años 1993 y 1994, con una mirada detallada a las elecciones presidenciales de 1994. La investigación llega a resaltar los vicios del análisis de las publicaciones, así como los valores anglosajones influyen en la percepción sobre América Latina.

Palabras clave: Plano Real. Brasil. Historia de prensa. Historia económica. Neoliberalismo.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ York University (YorkU), Toronto, Ontario, Canadá.

Introdução: o marco da estabilização

O ano de 2019 foi de tensão política no Brasil, com polemicas, reformas e um ambiente conflituoso. Tendo em vista esse contexto, o marco dos vinte e cinco anos do Plano Real acabou passando em branco. Nesse sentido, parece ser um exercício interessante analisar qual foi a visão estrangeira sobre a implementação e a consolidação do Real. A visão brasileira já foi bastante estudada e é conhecida, mas ainda falta agregar um novo olhar sobre esse tema. Para este artigo, foram selecionadas para análise as quatro principais publicações globais da área econômica: *New York Times*, *Wall Street Journal*, *Financial Times* e *The Economist*.²

O objetivo principal é analisar a percepção dessas publicações sobre a fase crítica de planejamento e consolidação do Plano Real entre 1993 e 1995. A hipótese inicial apontava para o fato que as quatro publicações pertencem ao mundo Anglo-Saxônico e compartilham de um posicionamento similar no campo econômico, tendo uma postura favorável ao livre mercado. Na verdade, apesar de uma afinidade entre as publicações realmente existir, a natureza da cobertura jornalística apresenta interessantes variações.

A escolha das publicações para análise foi pautada pela importância delas no meio financeiro internacional. Apesar do fato de *The Economist* ser uma publicação semanal, ao passo que as outras três são jornais diários, a relevância da cobertura econômica realizada em escala global fez com que ela fosse indispensável para a análise realizada. Além disso, a orientação política das publicações também é bastante similar, representando o segmento *Liberal* dentro do conceito anglo-saxônico. Apenas o *Wall Street Journal* se define como conservador.

A metodologia de análise escolhida para este artigo foi a Análise de Conteúdo, tal como definida por Lawrence Bardin, mas posteriormente

trabalhada por outros acadêmicos.³ As categorias principais de análise estavam focadas em três conceitos-chave: Crise Brasil 93, Plano Real, Eleições 94 e Estabilização. Dado o período escolhido para a análise aqui realizada (março de 1993 a junho de 1995), essas categorias atendiam às demandas analíticas desta pesquisa. Foram analisadas 125 edições de *The Economist* e, entre os três jornais, foram analisadas 2.736 edições ao longo de dois anos e meio de publicação. Essa tarefa se tornou possível graças aos mecanismos de busca existentes nos acervos digitais das referidas publicações, que otimizaram os resultados das palavras-chave estabelecidas dentro das categorias de análise. Também foi de grande importância o trabalho do sociólogo João Feres Junior, pois este oferece um modelo interpretativo do conceito de América Latina na perspectiva anglo-saxônica. A análise de Feres Junior colabora para o entendimento da visão de mundo dos correspondentes internacionais que atuam no Brasil.⁴

Caos e inflação: o ano de 1993

Desde a Segunda Crise do Petróleo, em 1979, o Brasil acabou sendo envolvido por uma das maiores crises inflacionárias já vistas na história econômica global. Entre 1979 e 1994, inflação e estagnação econômica se tornaram a norma. No início de 1993, Itamar Franco assumiu de forma permanente a Presidência da República após o *impeachment* de Fernando Collor de Mello, afastado desde meados de 1992 por acusações de corrupção.

Nesse contexto, Itamar Franco tinha a difícil tarefa de restaurar o equilíbrio macroeconômico brasileiro. Em seus primeiros meses de mandato, não houve nenhuma proposição eficiente para resolver o problema da dívida externa (US\$ 44 bilhões) e da hiperinflação (1680%/ano).⁵ Em uma época onde publicações impressas internacionais não circulavam com a mesma facilidade como

² Para efeitos práticos de narrativa, às vezes chamo as publicações aqui analisadas apenas de "as publicações". Caso se refira a uma matéria específica, a referente publicação será mencionada.

³ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Editora 70, 1995; CONSTANTINO, Núncia Maria Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. *Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 183-194.

⁴ FERES, J. J. *A história do conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

⁵ SIERRA, Nigel. A supply-side jump start for brazil's stalled economy. *The Wall Street Journal*, New York, USA, 28 jan. 1994. p. 29.

hoje em dia, os correspondentes se sentiam mais à vontade para fazerem comentários mais amplos sobre o cenário político de um dado país e as suas lideranças políticas. Esses correspondentes eram, em via de regra, jornalistas, mas com uma formação mais ampla em *Liberal Arts*, que inclui estudos de história, geografia e idiomas. Dessa forma, para se atingir o status de correspondente no Brasil, conhecimentos de português/espanhol e do contexto social do Brasil eram itens de suma importância.

A ênfase da cobertura jornalística variava bastante. Nigel Sierra, correspondente da revista inglesa *The Economist*, chegou a chamar Itamar de "inepto" ao cargo de presidente, destacando a sua "baixa inteligência" e "intromissão excessiva", assim arruinando o trabalho de seus ministros.⁶ O mesmo correspondente também gostava de escrever matérias que refletiam o lado mais populista de Itamar Franco. Nisso se destacava o congelamento do preço da energia elétrica e o relançamento do Fusca, ambos ocorridos em 1993.

Já os correspondentes das outras publicações aqui analisadas não trabalhavam com a figura de Itamar de forma tão negativa. Por outros veículos analisados, foi muito destacada a difícil situação na qual o novo presidente assumiu, em que as condições econômicas eram simplesmente as piores imagináveis. As seguidas trocas de ministros também ganhavam um grande destaque, já que elas davam a impressão de fraqueza institucional. Em apenas quatro meses de governo, Itamar trocou três vezes de ministro da Fazenda, sendo que nenhum deles conseguia formular um plano eficiente para lidar com a inflação.

No que fiz respeito à análise da figura do presidente, a percepção trazida pelo correspondente da *The Economist* destoava dramaticamente do que foi destacado pelas outras publicações aqui estudadas. Se havia certa desconfiança por causa do estilo de comando de Itamar, havia certo entendimento de que as circunstâncias o obrigavam

a tomar esse curso de ação mais cauteloso. Dentro de uma *Weltanschauung* anglo-americana, existe uma certa desconfiança sobre a forma de se fazer política na América Latina. Contudo, o correspondente da *The Economist* foi além disso, apresentando uma visão pouco sofisticada da figura presidencial e da vida política brasileira.

As publicações estrangeiras aqui analisadas davam grande destaque para as negociações do Brasil com o FMI e o Banco Mundial.⁷ Em 1993, o Brasil mal conseguia dar conta de suas obrigações com os credores privados, sendo obrigado a recorrer diversas vezes a novos empréstimos junto a organismos internacionais. A aparente falta de capacidade do governo Itamar em resolver a crise da dívida externa gerava uma série de críticas ao Brasil por parte das publicações estrangeiras.⁸

Para a imprensa anglo-americana de meados dos anos 1990, cuja cobertura econômica era geralmente pró-mercado, a solução para a crise econômica estava nas medidas adotadas no México e na Argentina. Para os analistas estrangeiros, era realmente um mistério por que o Brasil não adotava programas de estabilização seguindo o modelo de Dolarização aplicado no México e na Argentina. Carlos Menem e Salinas de Gortari, presidentes da Argentina e do México, eram apresentados pela imprensa anglo-americana como figuras modelares. Em seus países, eles controlaram a inflação, iniciaram um agressivo programa de privatização de empresas públicas.⁹

É interessante perceber como Argentina e México adotavam políticas econômicas que agradavam aos analistas anglo-americanos, tais como "liberdade de comércio" e "responsabilidade fiscal". Essa fixação nessas medidas acabou ofuscando a habilidade dos correspondentes de perceber as fraquezas inerentes aos modelos Mexicano e Argentino e as evidentes deficiências de Menem e Gortari no comando de seus países. Ainda assim, o Brasil era um retardatário no

⁶ THE sky falls on Itamar. *Economist*, London, 9 jan. 1993. p. 45.

ONWARDS and downwards in Brazil. *Economist*, London, England, 13 nov. 1993. p. 19.

⁷ FOSTER, Angus. Brazil Will Tackle Debt Restructuring without Imf. *Financial Times*, London, England, 18 mar. 1994. p. 6.

⁸ THE sky falls on Itamar. *Economist*, London, England, p. 45.

ONWARDS and downwards in Brazil. *Economist*, London, England, 13 nov. 1993. p. 19.

⁹ REFORMING Latin America. *Economist*, London, England, 17 jul. 1993. p. 18.

combate à inflação na América Latina. A inflação anual média na América Latina em 1993 foi de 14%, enquanto no Brasil ela chegou a 2000%.¹⁰

Esse apego a um conceito de América Latina existente na mente anglo-saxônica foi muito bem trabalhado pelo cientista político João Feres Junior. Em seu trabalho, Feres Junior demonstrou como diversos segmentos da elite intelectual americana analisavam a vida política e econômica latina dentro de categorias estanques baseadas em seu próprio sistema de valores. As conclusões de Feres Junior são muito importantes para a análise aqui realizada, já que propiciam uma ferramenta explicativa para muitas das posturas apresentadas pelos correspondentes das publicações aqui analisadas.

Tendo em vista a ideia de um conceito de América Latina na mentalidade anglo-saxônica como um ente "problemático e irracional." Logo, as soluções para os problemas socioeconômicos vividos pelo Brasil naquele instante estariam ligados a soluções que se encaixassem nas categorias mentais dos anglos. Dessa forma, era bastante óbvio que México e Argentina gozavam de melhor imagem junto aos correspondentes aqui analisados, pois ambos os países seguiram soluções que pareciam lógicas sob a ótica do sistema de valores desses correspondentes.

Contudo, essas categorias mentais acabavam tornando a análise desses correspondentes, por vezes, muito rígida. Essa rigidez acabou impedindo que os correspondentes estrangeiros aqui analisados não conseguissem perceber que os modelos argentino e mexicano também eram bastante problemáticos. Além disso, todas as publicações acabaram ignorando o fato de que em 1993 o Brasil conduziu e obteve êxito em suas negociações com o FMI. O time de negociadores, liderado por Pedro Malan, acabou conseguindo um acordo que significou o início do fim da crise da dívida externa.¹¹ Entretanto, dado o fato de que a solução encontrada não era de uma ortodoxia liberal de agrado dos correspondentes, eles

acreditavam erroneamente que uma solução viável não havia sido atingida. Ou seja, no que diz respeito à categoria de análise "Crise Brasil 93", não havia por parte das publicações a habilidade de compreender que o Brasil buscava soluções fora da ortodoxia do Consenso de Washington. Isso acabou levando aos correspondentes presumirem que a fórmula brasileira estava equivocada quando, na verdade, mostrou-se mais bem sucedida do que qualquer negociação mexicana ou argentina ocorrida nos anos seguintes.

O Estado brasileiro pós 1985 vivia um delicado equilíbrio entre necessidades políticas e suas demandas efetivas como gestor da máquina estatal. A manutenção da governabilidade associada ao problema da memória inflacionária trazida pela indexação existente desde a década de 1960 eram os responsáveis pelo fato de o Brasil ter uma inflação mais de 1000% superior a de seus vizinhos Latino-Americanos. As quatro publicações festejavam o simples fato de que Itamar havia prometido não realizar mais nenhum choque heterodoxo.¹² Contudo, começavam a exigir de Itamar um novo plano de ação capaz de colocar a inflação sob controle. Nesse contexto é que se faz importante como categoria de análise a transição para o Real, bem como impressão dos correspondentes internacionais sobre este período.

Para debelar a crise inflacionária, o presidente nomeou o seu então ministro das Relações Exteriores, Fernando Henrique Cardoso, como o novo ministro da Fazenda. A repercussão nas publicações internacionais foi imediata e, não foi muito positiva. De forma unânime, enfatizaram que Fernando Henrique não possuía nenhuma experiência como economista. É interessante perceber como os correspondentes estrangeiros ainda analisavam FHC pelo seu trabalho acadêmico, centrado no marxismo e na Teoria da Dependência. As publicações realmente não faziam ideia da mudança ideológica pela Fernando Henrique havia passado desde o fim da década de 1980.¹³ Em sua autobiografia, *A Arte da*

¹⁰ HARVEY, David. *Brief History of Neoliberalism*. Oxford University Press, 2005. p. 63.

¹¹ FRANCO, Gustavo H. B. *O Desafio brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 72.

¹² MINUS the goat. *Economist*, London, England, 1 maio 1993. p. 68.

¹³ THE betting on Cardoso. *Economist*, London, England, 14 ago. 1993. p. 49.

Política, FHC deixou claro de que quando assumiu o Ministério da Fazenda, em maio de 1993, ele já estava convicto das benesses que uma abordagem mais pró-mercado poderia trazer.¹⁴ FHC também não acreditava nas teorias dos choques heterodoxos e estava convicto de que políticas mais ortodoxas adaptadas à realidade brasileira eram as mais adequadas.

Em maio de 1993, as primeiras matérias sobre um novo plano econômico começaram a circular de forma mais frequente. Aos poucos os detalhes foram sendo divulgados pelos correspondentes estrangeiros e a recepção esteve longe de ser linear. De modo geral, os correspondentes das quatro publicações duvidavam que o governo brasileiro fosse capaz de cortar US\$ 6 bilhões em gastos públicos para o ano fiscal de 1994.¹⁵ O Brasil não conseguia ter superávit em suas contas desde a década de 1970, e déficits altíssimos eram a norma desde então. Apesar das dúvidas que pairavam sobre a nova equipe econômica, era destacada a determinação da mesma. Principalmente no que dizia respeito à ideia de atacar a inflação através do controle de gastos públicos.

Ao final de 1993, o governo federal anunciou em detalhes o planejamento do futuro plano econômico. O objetivo era enfrentar a questão da memória inflacionária através da criação da Unidade Real de Valor (URV), que seria uma espécie de dolarização disfarçada. A URV entrou em ação em março de 1994 como um primeiro estágio para o lançamento de uma nova moeda definitiva, o Real. Em conjunto com a URV e o Real, seria uma prioridade do governo o ajuste das contas públicas através de uma profunda reforma do Estado. Apesar do detalhado planejamento apresentado, os correspondentes não estavam convencidos da efetividade do novo plano.

Em primeiro lugar, claramente os correspondentes ingleses e americanos não compreendiam a escala do dilema apresentado pela questão da memória inflacionária e da indexação. Além disso, os correspondentes demonstravam um grande ceticismo na habilidade dos brasileiros em criarem algo funcional de alta complexidade. Para eles, o plano era "muito confuso"¹⁶, e o povo brasileiro não iria entender a racionalidade do mesmo. Em segundo lugar, eles também não entendiam porquê o Brasil simplesmente não dolarizava a economia, como fizeram Argentina e México. Parecia ser um plano muito mais simples e de efetividade já testada.

Faltou aos correspondentes o entendimento necessário de que o problema da inflação brasileira apresentava um nível de desafio e complexidade superior aos casos do México e da Argentina, mesmo que a inflação nos três países tivesse causas estruturais muito semelhantes. Portanto, o plano brasileiro tinha que ir além de uma "simples" dolarização; ele tinha que criar novos instrumentos que levassem em conta essa complexidade que o desafio da memória inflacionária representava. Em resumo, era unânime entre os correspondentes uma visão negativa do Plano Real. Para eles, fracasso do Plano Real aumentaria consideravelmente as chances da oposição de vencer as eleições em 1994.¹⁷

Essa mesma desconfiança foi demonstrada pelo FMI e pelo governo americano, que não acreditavam no êxito do Plano Real.¹⁸ Em termos de conceito, o Plano Real não seguia à risca os ditames do Consenso de Washington, tão em voga nos anos 1990.¹⁹ A ousadia dos economistas brasileiros em pensarem "fora da caixa" provocou um grande desconforto nos analistas anglo-americanos. Para os correspondentes, era inconcebível

¹⁴ CARDOSO, Fernando Henrique. *A Arte da política: a história que vivi*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006. p. 137-223.

¹⁵ BRAZIL'S maybe miracle man. *Economist*, London, England, 12 fev. 1994. p. 57.

KAMM, T. Brazil's new anti-inflation strategy has even the finance minister confused. *The Wall Street Journal*. New York, USA, 28 fev. 1994. p. 39.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ BRAZIL Sets Price Index. *New York Times*, New York, USA, 1 mar. 1994. 1. p. 14; BRAZIL under repair. *Economist*, London, England, 12 mar. 1994. p. 18.

¹⁸ FRANCO, Gustavo H. B. *O Desafio brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 83.

¹⁹ O Consenso de Washington é uma conjugação de grandes medidas - que se compõe de dez regras básicas - formulada em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras situadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, fundamentadas em um texto do economista John Williamson, do *International Institute for Economy*, e que se tornou a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990, quando passou a ser "receitado" para promover o "ajustamento macroeconômico" dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades.

que uma formulação intelectual que não tinha a sua origem na “racionalidade anglo-saxônica” pudesse de fato funcionar. Dessa forma, é possível inferir que a desconfiança unânime percebida nas publicações analisadas não dizia respeito às qualidades do plano em si, mas sim da quebra de uma pretensa lógica natural; onde o Norte propõe modelos explicativos da realidade e o Sul os adota. Além disso, havia ainda a natural desconfiança em relação a formulações intelectuais genuinamente latino-americanas. Contudo, 1994 seria um ano de surpresas, e os correspondentes se viram obrigados a rever a sua cobertura diante do êxito do Plano Real em conter a inflação.

1994: o rito de passagem

Se havia algo onde a grande maioria dos brasileiros não depositava esperança era o programa de combate à inflação. O país estava na prática operando com duas moedas, o Cruzeiro Real e a Unidade Real de Valor (URV). Alguns salários e preços já estavam indexados à URV, mas a maioria da população ainda dependia da moeda desvalorizada, que era o Cruzeiro Real. Os assalariados que ganhavam em Cruzeiro Real viviam sob condições difíceis, já que a moeda perdia em média 36% do seu poder de compra por dia. Principalmente os mais pobres, que não possuíam vencimentos indexados, sofriam imensamente com a inflação.²⁰

Dentro da categoria de análise “Plano Real”, a tendência de alinhamento na percepção dos correspondentes internacionais segue sendo a tônica da cobertura jornalística. A cobertura internacional desses primeiros meses de URV foi bastante negativa. E os sinais realmente não eram muito favoráveis no surgimento do Plano Real. Nos meses que antecederam o Plano Real, a inflação média foi de 46% ao mês, uma das maiores já registradas na década de 1990.²¹ Mesmo com a URV já indexando alguns preços e mantendo a sua paridade com o Dólar, a inflação não dava sinais de retrocesso. Todas as

publicações aqui analisadas enfatizavam o longo histórico de planos fracassados do Brasil. Sendo esse o principal motivo para o ceticismo dos correspondentes em relação ao novo plano. Tendo em vista o fato de que o Brasil passou por quatro planos de estabilização fracassados desde a redemocratização, era compreensível o ceticismo por parte dos correspondentes internacionais.²²

Ganhava grande destaque na imprensa internacional o fato de que o governo brasileiro estava lutando contra o legislativo e o judiciário para fazer valer o planejado corte de gastos entre 6 e 22 bilhões de dólares. O governo Itamar teve que fazer um grande esforço para bloquear um pacote de benefícios aos generais, algo que certamente iria comprometer os cofres do governo.²³ De toda forma, o corte de gastos estava indo muito melhor do que o esperado. Além disso, o Brasil possuía US\$ 44 bilhões em reservas para iniciar o Plano Real, era considerado um valor que oferecia um nível de segurança para garantir o valor da moeda na arrancada do novo plano. Essa análise feita pelos correspondentes sobre o corte de gastos talvez seja um dos pontos mais valiosos em termos de *insight*. O papel do corte de gastos públicos na fase de implementação do Real não recebe a devida atenção na análise brasileira, que tende a enfatizar apenas a troca da moeda. E também mostrava que Itamar sabia ser firme quando necessário, algo não reconhecido pelos próprios correspondentes internacionais.

Havia ainda um fator complicador para o sucesso do Plano Real: 1994 era ano eleitoral. Não era segredo para os correspondentes internacionais que Luis Inácio Lula da Silva era o franco favorito para a eleição. Desde a sua derrota para Fernando Collor, em 1989, Lula estava determinado a vencer a eleição presidencial e desmistificar a imagem de radical de esquerda que havia sido construída por Collor em 1989. Poderia-se imaginar que publicações anglo-americanas com um viés pró-mercado apresentariam um discurso anti-Lula, mas não é o

²⁰ MOFFETT, Mark. Brazil's promising anti-inflation plan stumbles before it even gets started. *Wall Street Journal*, New York, USA, 12 maio 1994, p. 37.

²¹ *Ibidem*, p. 38.

²² BROOKE, James. Brazilians Get Serious on Inflation and Deficit. *New York Times*, New York, USA, 3 mar. 1994, p. 19.

²³ MOFFETT, Matt. Brazil's new president has monster to tame: Bureaucracy in Brasília. *Wall Street Journal*, New York, USA, 5 out. 1994, p. 23.

que foi percebido. Se *The Economist* criticava duramente Itamar, tratava Lula com muita cordialidade. A publicação inglesa deu grande destaque para a "Caravana da Cidadania" que Lula fez no Nordeste antes das eleições de 1994. Lula era apresentado como um "socialdemocrata moderado", que possuía uma visão mais ampla sobre os problemas sociais do Brasil. A sua trajetória pessoal também era muito elogiada e a sua possível chegada ao poder não era vista como algo negativo para o mercado. Estava claro para *The Economist* que Lula representava uma virada de paradigma, mas não significaria a adoção de uma política econômica radical, como se aparentava em 1989.

Além da Caravana da Cidadania, a publicação destacou que Lula fez viagens aos Estados Unidos e a Europa para "acalmar" os investidores internacionais sobre um futuro governo do PT.²⁴ Esse é um ponto importante, já que entre acadêmicos e jornalistas brasileiros, se consolidou a percepção de que apenas o Lula que venceu em 2002 era o que havia buscado um caminho mais ao centro. Mas o Lula de 1994 já estava bastante engajado nesse esforço. Nesse sentido, o correspondente da *The Economist* aparentava ter uma percepção política mais flexível em relação ao *The Wall Street Journal* e ao *Financial Times*, que refletia a postura da própria publicação. Dentro de uma ideia de posicionamento liberal no mundo anglo-saxônico, *The Economist* oferecia uma postura econômica pró-mercado alinhada a uma postura política moderada, se afastando, assim, de um conservadorismo arraigado.

Já o *establishment* brasileiro não conseguia encontrar um candidato viável. O *New York Times* analisou em diversas matérias a situação incômoda vivida pelo governo, e como as elites brasileiras estavam desconfortáveis com a possibilidade de Lula chegar à presidência. De acordo com o correspondente, para a elite brasileira, Lula era ainda o mesmo de 1989. Portanto, re-

presentava o perigo de uma guinada à esquerda, acima de tudo, pelas elites mais conservadoras de São Paulo e do Nordeste.²⁵ Diante da falta de candidatos dispostos a defender a administração de Itamar, Fernando Henrique Cardoso acabou surgindo como uma opção possível. Em maio de 1994, FHC havia saído do Ministério da fazenda para começar a sua campanha para presidente. E os primeiros números das pesquisas eleitorais não eram nada animadores, já que mostravam FHC muito atrás de Lula.²⁶ Naquela altura dos eventos, a eleição de Lula parecia ser apenas uma mera questão de formalidade.

No dia 1 de julho o Plano Real entrava em ação. Sete toneladas do novo papel-moeda estavam nos bancos a postos para serem trocados e utilizados pela população brasileira. Os correspondentes estavam impressionados com a escala da empreitada, e com as dificuldades de estabelecer uma nova moeda em um país continental.²⁷ Após 15 anos de inflação alta e permanente, o índice para o mês de julho era de 6%, o menor desde 1968.²⁸ Foi destacado pelo *New York Times* que as classes mais baixas receberam instantaneamente um acréscimo de 3% do PIB em sua renda mensal. Essa impressionante injeção de renda representava aquilo que a inflação retirava do bolso do brasileiro todo o mês, especialmente dos mais pobres. Os brasileiros responderam a nova realidade econômica indo as compras, agora dotados de um poder de compra superior.

À medida que os bons resultados iniciais do Real se tornavam mais claros, publicações internacionais aqui analisadas instantaneamente modificaram o tom da sua cobertura sobre o Brasil. Os primeiros meses do Real foram de grande prosperidade e avanços impressionantes em indicadores importantes, como aumento de produtividade e queda do desemprego. Um exemplo claro disso foi a reportagem de *New York Times* sobre as famílias pobres da favela Vigário Geral, no Rio de Janeiro.

²⁴ LULA on the road. *Economist*, London, England, 12 mar. 1994. p. 63.

²⁵ BROOKE, James. Polls in Brazil show Leftist Well in Front. *New York Times*, New York, USA, 22 maio 1994. p. 27.

²⁶ *Idem*.

²⁷ BROOKE, James. Signs of Stability Keep Sao Paulo Hot. *New York Times*, New York, USA, 4 set. 1994. p. 18.

TAYLOR, Edward. Economy grows as new plan kicks in. *Wall Street Journal*, New York, USA, 25 maio, 1994. p. 32.

²⁸ Inflação Brasil 1994, 2014. Disponível em: <http://pt.global-rates.com/estatisticas-economicas/inflacao/1994.aspx>. Acesso em: 25 de jun. 2014.

O correspondente visitou a comunidade e perguntou para os seus habitantes como que o Real havia modificado o seu cotidiano. Os entrevistados demonstraram uma grande alegria com a nova moeda, sendo que o aspecto mais destacado foi que agora eles podiam comprar mais comida. Com 450 reais era possível alimentar uma família de até cinco pessoas com tranquilidade, e o consumo de frango aumentava substancialmente. Até mesmo os traficantes entrevistados na comunidade estavam contentes com o Real, pois a nova moeda representou um incentivo importante para a expansão dos seus negócios.²⁹ A matéria de James Brooks é uma das mais reveladoras da série aqui analisada, pois ela tentava mostrar a narrativa por uma perspectiva social, demonstrando como o Plano Real havia afetado as camadas mais desprovidas da população brasileira. Isso demonstrava a preocupação de alguns dos correspondentes em apresentar narrativas que iam além de uma cobertura do mercado financeiro, mas que também buscavam mostrar aspectos da vida brasileira.

O sucesso inicial do Plano Real teve consequências imediatas na corrida eleitoral de 1994. De repente, todos os candidatos queriam se associar ao Real, e Fernando Henrique havia se tornado um candidato viável. As publicações estrangeiras agora haviam mudado de maneira unânime o seu tom com relação à corrida eleitoral. Agora, Lula havia se transformado no "candidato da inflação".³⁰ FHC, por sua vez, ganhava apoios políticos muito importantes. O antigo ministro da Fazenda conseguiu angariar o apoio do Partido da Frente Liberal (PFL), liderado pelo influente senador baiano Antônio Carlos Magalhães. Em uma matéria reveladora, o *Financial Times* foi até a Bahia para ver de perto o impacto do apoio do PFL a Fernando Henrique. Em um comício no interior da Bahia, ninguém sabia quem era Fernando Henrique e também ninguém fazia ideia de que ele havia sido o criador

do Real. Foram Magalhães e os seus aliados que divulgaram a candidatura de Fernando Henrique não apenas pela Bahia, mas por todo o Nordeste. Também chamava a atenção do diário inglês que o chamado "curral eleitoral" parecia acontecer abertamente, e isso seria um fator de importância para uma possível vitória do governo.³¹ Mais uma vez, podemos ver aqui um certo viés social na cobertura jornalística estrangeira, que ia além da mera cobertura econômica.

Juntamente com o apoio dos caciques políticos do Nordeste, o *New York Times* mostrava como FHC havia também se tornado o candidato do *establishment* de São Paulo. Entre o empresariado paulista, Fernando Henrique gozava de pleno apoio. No segundo semestre de 1994, a indústria paulista teve uma de suas melhores performances em duas décadas. FHC era visto como a peça chave para a manutenção desse *boom* de consumo vivido pelo Brasil com a estabilização da economia.³² Diante da força da coalizão que se formou em torno de FHC, do erro tático de Lula em subestimar o Real e dos efeitos práticos do novo plano, a vitória de Fernando Henrique se consumou nas eleições de outubro.

As publicações estrangeiras estavam agora maravilhadas com o novo presidente-eleito. Intellectual, moderado, poliglota, e pró-ocidente, para citar apenas alguns dos adjetivos mais utilizados entre outubro e dezembro de 1994.³³ Mais do que representar a antítese de Itamar Franco, Fernando Henrique era justamente o perfil favorito de liderança das publicações anglo-saxônicas que comungavam de um ideário econômico pró-mercado. A análise da cobertura das eleições presidenciais de 1994 nos traz novamente para o conceito de América Latina na mente anglo-saxônica, tal como definida por Feres Junior.³⁴ Enquanto Lula cumpria uma série de categorias de análise estrangeira, especialmente no que dizia respeito à "estabilidade e racionalidade",

²⁹ BROOKE, James. Even rio's poor seem sold on the inflation fighter. *The New York Times*, New York, USA, 28 set. 1994.

³⁰ BROOKE, James. Taming of inflation buoys centrist in Brazil polls. *New York Times*, New York, USA, 14 set. 1994, p. 24.

³¹ INFLATION Success Translates into Poll Support for Cardoso. *Financial Times*, London, England, 16 ago. 1994, p. 4.

³² BROOKE, James. Leftist candidate in Brazil promises to force a runoff. *New York Times*, New York, USA, 26 set. 1994, p. 27; MOFFETT, Matt. Brazil's anti-inflation program shifts momentum in presidential campaign. *Wall Street Journal*, New York, USA, 28 jul. 1994, p. 35.

³³ PERRY, Walter. Brazil could be waking up from a bad dream. *Wall Street Journal*, New York, USA, 7 out. 1994, p. 23.

³⁴ FERES Junior, João. *A história do conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 48.

a percepção sobre ele era bastante favorável. A partir do momento em que a força política de Fernando Henrique cresceu por causa do Plano Real, ele havia se tornado o candidato que melhor se encaixava nessas categorias. Além disso, o Plano Real representava a racionalidade na visão dos correspondentes. Logo, a forte oposição de Lula ao Real fez com que ele perdesse, na visão dos correspondentes, a percepção de "estável e racional", fazendo com que a cobertura de sua candidatura se tornasse negativa.

1995: o problemático amanhecer de uma nova época

Por raras vezes o Brasil teve a oportunidade de conseguir crescimento econômico sem inflação. Em 1994, o Brasil teve um ganho de produtividade de mais de 10%, além disso, a inflação mensal permaneceu estável na casa dos 6%. O consumo de produtos da chamada linha-branca estava batendo recordes históricos e a indústria nacional estava funcionando a toda capacidade. O *New York Times* destacou que agora os brasileiros queriam usufruir das grandes marcas internacionais. Budweiser e Pizza Hut planejavam grandes investimentos no Brasil em 1995, e juntamente com elas, a maioria das grandes multinacionais americanas.³⁵ Os investimentos das empresas alemãs e japonesas no Brasil iriam superar recordes históricos, ultrapassando a casa dos US\$ 9 bilhões.

Nesta parte final do artigo, vamos focar na categoria de análise "estabilização", que visa justamente analisar como os correspondentes estrangeiros perceberam o primeiro semestre de 1995 e a implementação do Plano Real.³⁶ O governo acenava para os investidores estrangeiros uma inflação anual de 26% e crescimento do PIB na casa dos 6%, além de estabilidade monetária e garantias jurídicas. O correspondente do *The Wall Street Journal* estava maravilhado com o novo ministro da Fazenda, Pedro Malan. O ministro era apresentado como um dos arquitetos do Real e

um homem apegado a uma visão mais ortodoxa da economia. Doutor em economia pela tradicional universidade de Stanford, ele era apresentado como o "timoneiro ideal" para a economia brasileira.³⁷ O fato, de que para o *The Wall Street Journal*, Pedro Malan cumpria todos os requisitos para o cargo, era ótima notícia para o novo governo. A publicação, disparadamente a mais conservadora aqui analisada, era uma dura crítica do Brasil ao longo de anos. Para o público-alvo do jornal, a elite financeira de Nova York, um endosso desse porte a figura do ministro era sinal de que o Brasil era um "porto seguro" de investimento. Justamente o tipo de cobertura que o novo governo desejava projetar nos principais mercados internacionais.³⁸

Contudo, já no primeiro mês de mandato, Fernando Henrique teve de lidar com a crise da desvalorização do Peso mexicano, o chamado Efeito Tequila. O contágio do evento Mexicano, que já estava se desenhando desde 1994, foi imediato em todos os mercados emergentes. Brasil e Argentina, tentaram todos os esforços possíveis para que a desvalorização cambial não fosse acentuada. Nesse sentido, as publicações internacionais sempre foram muito otimistas com relação à habilidade do Brasil em superar essa crise. Para os correspondentes, o Brasil contava com instrumentos muito sólidos de contenção da inflação e que também garantiam a estabilidade da moeda com relação ao Dólar. Como já dito antes, o país contava com uma quantidade de reservas internacionais bastante generosa, mais de US\$ 40 bilhões. Mas, em acréscimo a isso, havia mais dois instrumentos importantes que eram destacados pela imprensa internacional. Um deles era a inovadora "banda flexível", onde o Real oscilava no mercado dentro de uma faixa pré-estabelecida pelo governo federal. Era totalmente o oposto do esquema formulado pela Argentina, que operava dentro de uma banda fixa. O modelo brasileiro acabou sendo extremamente elogiado pelas publicações internacionais e, certamente

³⁵ BROOKE, James U.S. Businesses Flocking to Brazilian Ventures. *New York Times*, New York, USA, 9 maio 1994. p. 33

³⁶ BROOKE, James. For Brazil, new praise and potential. *New York Times*, New York USA, 10 out. 1994. p. 34.

³⁷ PEDRO, S. M. Minister weighs nation's challenges. *Wall Street Journal*, New York USA, 23 maio 1994. p. 49.

³⁸ MOFFETT, Matthew. Brazil's new president, seeking help for his program, picks diverse cabinet. *Wall Street Journal*, New York, USA, 20 dez. 1994. p. 24.

foi um fator de estabilidade durante os piores momentos da crise mexicana. Mais uma vez, o fato de que a imagem projetada pelo governo brasileiro estava em sintonia com a postura pro mercado dos correspondentes e das publicações, ajudava na superação da crise cambial. Era um ciclo onde a impressão de modernidade agradava aos correspondentes, que por sua vez influenciavam setores importantes do mercado financeiro internacional, emprestando credibilidade a solidez do mercado financeiro brasileiro.³⁹

A partir da crise mexicana e da chegada da recessão ao Brasil, o tom da cobertura jornalística esteve focado nas reformas e na promessa de recuperação econômica do país. No primeiro semestre de 1995, conforme a recessão se alastrava e o bom momento ia embora, até mesmo as publicações economicamente ortodoxas se perguntavam se o governo brasileiro não estava exagerando nas medidas de combate à inflação. A condução da taxa de juros era tida como excessivamente dura.⁴⁰ Contudo, se temia um fracasso similar ao ocorrido com o Plano Cruzado (1986), que chafurdou em menos de um ano. Os periódicos anglo-americanos esqueceram de mencionar que os programas de combate à inflação em seus próprios países também geraram uma violenta recessão e foram extremamente duros, vide as medidas anti-inflação tomadas por Reagan e Thatcher nos anos 1980. O fato era que mesmo que os correspondentes considerassem FHC e Malan duros demais no combate à inflação, eles admiravam a austeridade e comprometimento do novo presidente e acreditavam que o Plano Real iria prosperar e a recessão de 1995 seria rapidamente superada.

Considerações finais

O objetivo central deste artigo era analisar a origem e a consolidação do Plano Real pela perspectiva estrangeira e, perceber de que forma ela pode proporcionar uma perspectiva diferente so-

bre o debate econômico da época. A historiografia anglo-americana mais recente sobre o Brasil tem enfatizado a questão do desenvolvimento econômico ligado à continuidade e à permanência.⁴¹ Dessa forma, é possível perceber que houve certo consenso na questão da estabilidade da moeda como um instrumento de prosperidade e justiça social. Esse elemento de continuidade é um ponto importante na construção histórica de qualquer país que almeje expandir a sua base material. Em outras palavras, o consenso tácito sobre a estabilidade estabelecido a partir de 1994 sobre o combate à inflação e a estabilidade da moeda talvez tenha sido um dos principais casos de política continuada com êxito na história do Brasil.

Mesmo com as diferenças ideológicas que separam os partidos e o contexto internacional do período onde cada um esteve no poder, os 25 anos de consenso sobre a estabilidade trouxeram avanços significativos para o país. A partir de 1994 e acelerando a partir de 2003, houve um avanço real no nível de renda e o Brasil foi reintegrado ao sistema financeiro internacional. Esses investimentos geraram milhares de empregos no setor de serviços e no agronegócio e, possibilitaram que milhões de brasileiros tivessem acesso a um novo patamar de consumo. Com isso, investimentos importantes nas áreas sociais foram feitos, visando lidar com o histórico problema da pobreza. Mesmo com as dificuldades geradas pela profunda recessão vivida pelo Brasil desde 2015, o Plano real ainda é considerado um *case* de sucesso em estabilização monetária.

Mesmo levando em conta as diferenças ideológicas, público-alvo e tiragem entre as publicações, é possível estabelecer um fio condutor entre as categorias analíticas aqui utilizadas. Foi bastante surpreendente a pouca discordância entre os correspondentes em diferentes momentos, mesmo quando envolviam assuntos mais polêmicos. A expectativa era que publicações tão distintas como o *The Wall Street Journal* e o *New York Times* produzissem perspectivas igualmente

³⁹ LATIN America in the fallout zone. *Economist*. London, England. 7 jan. 1995. p. 24.

⁴⁰ MOFFETT, Matt. Brazil is moving to ease curbs on credit. *Wall Street Journal*, New York USA. 30 ago. 1995. p. 43.

⁴¹ MCCANN, Bryan. *The Throes of Democracy: Brazil Since 1989*. London: Zed Books, 2008.

POWER, Timothy J et al. *Corruption and Democracy in Brazil: The Struggle for Accountability*. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 2011.

distintas. Contudo, isso acabou não se verificando dentro das categorias de análise aqui utilizadas.

Uma possível explicação pode estar no fato de que o jornalismo internacional de grandes veículos acaba contratando um tipo similar de profissional. Os correspondentes internacionais dessas publicações são egressos de universidades de elite, com uma visão internacionalista e com fluência em mais de uma língua estrangeira. Essas universidades apresentam uma visão de mundo similar, moderadamente pró-mercado na economia e centro-esquerda na política. Dessa forma, nós temos diferentes publicações contando com a análise de um tipo de profissional muito similar. Dentro de um conceito comum de "*Latin America*" existente no mundo anglo-saxônico, pode-se esperar que a linearidade seja a norma.

Entretanto, apesar da predominância de uma linha de interpretação sobre a América Latina, foi possível identificar outros pontos de interesse. Mesmo com o foco na economia, havia sempre uma preocupação com aspectos sociais do Brasil. A cobertura sobre lideranças políticas refletiu, na maioria das vezes, um conhecimento muito grande das sutilezas e peculiaridades da política brasileira. Por fim, é importante ressaltar que, ainda hoje, a cobertura desses correspondentes internacionais é instrumental na forma pela qual investidores internacionais percebem um país, influenciando o movimento financeiro nos mercados emergentes. Não é por acaso que muitos desses correspondentes acabam, posteriormente, se transferindo para o setor de consultorias, instruindo investidores internacionais. Dessa forma, a análise do papel dos correspondentes se faz essencial para uma compreensão do período, mas também para o entendimento de como a ideia de *Latin America* afeta a cobertura jornalística e a vida econômica de um determinado país do continente.

Referências

CARDOSO, Fernando Henrique. *A arte da política: a história que vivi*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

FERES JUNIOR, João. *A história do conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

FRANCO, Gustavo H. B. *O Desafio brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

HARVEY, David. *A Brief History of Neoliberalism*. Cary: Oxford University Press, 2005.

MCCANN, Bryan. *The Throes of Democracy: Brazil Since 1989*. London: Zed Books, 2008.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser; NAKANO, Yoshiaki. *The theory of inertial inflation: the foundation of economic reform in Brazil & Argentina*. Boulder, Colo: L. Rienner Publishers, 1987.

POWER, Timothy J. et al. *Corruption and Democracy in Brazil: The Struggle for Accountability*. Notre Dame, Ind: University of Notre Dame Press, 2011.

TAVARES, Maria da Conceição; ASSIS, Jose Carlos de. *O grande salto para o caos: a economia política e a política econômica do Brasil autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Bruno Henz Bassetto

Doutor em história da América Latina na Georgetown University (GU), em Washington, District of Columbia, Estados Unidos. Pesquisador de Pós-doutorado no Centro de Estudos Latino Americanos (CERLAC), no Programa de Pós-graduação em História da York University, Canadá.

Endereço para correspondência

Bruno Henz Bassetto

York University

4700 Keele Street, Kaneff Tower 8th floor

Toronto M3J 1P3

Ontario, Canada.